



Theodor W. Adorno e a dialética material da moral

Theodor W. Adorno and the material dialectic of morality

Douglas Garcia Alves Júnior¹

Resumo: Adorno pensou a filosofia moral em diversos momentos de sua carreira filosófica, notadamente em *Minima Moralia* (1951), *Dialética Negativa* (1966) e em seu curso publicado postumamente *Probleme der Moralphilosophie* (1996). Uma avaliação conjunta desses textos permite indicar a centralidade do que Adorno chamou de “dialética da moral” – entre impulso somático e racionalidade – na constituição da experiência do prático. Além disso, as reflexões sobre a moral são um momento privilegiado das análises metafisológicas de Adorno, que identificam em boa parte da tradição filosófica ocidental sobre a moral a presença da dominação da natureza interna – processo que caberia à dialética materialista da moral criticar e ajudar a transformar.

Palavras-chave: Filosofia moral. Dialética. Theodor W. Adorno. Kant.

Abstract: Adorno has addressed moral philosophical issues in several moments of his philosophical career, particularly *Minima Moralia* (1951), *Negative Dialectics* (1966) and in his (posthumously published) university course *Problems of Moral Philosophy* (1996). This article assumes that a combined account of these texts can indicate the importance of what Adorno has called “dialectics of morality” between somatic impulse and reason as the foundation of the experience of practical sphere. Furthermore, Adorno’s thoughts on morality are a privileged moment of his metaphilosophical analysis which identifies in the majority of western tradition of moral philosophy the sign of a wider process of domination of inner nature. According to Adorno, a major task of the material dialectic of morality should be to disclose and contribute to change this domination process.

Keywords: Moral philosophy. Dialectic. Theodor W. Adorno. Kant.

A recepção da obra de Theodor W. Adorno (1903-1969) enfrenta no presente uma série de dilemas. Nisto, a sua situação não é diferente da posteridade crítica dos filósofos mais importantes do século XX. Esses dilemas poderiam ser resumidos em uma antinomia fundamental: deve-se olhar para estes autores e seus textos como figuras passadas (e encerradas) do pensamento, cujo nexos lógico (a ordem das razões) caberia ao intérprete reconstituir, ou seria preciso voltar a esses autores e seus textos como

¹ Doutor em Filosofia pela UFMG. Professor Associado do Departamento de Filosofia da UFOP. Autor, entre outros, dos livros *Depois de Auschwitz: a questão do antissemitismo em Theodor W. Adorno* (2003) e *Dialética da vertigem: Adorno e a filosofia moral* (2005). <dougarcia@rocketmail.com>

fermenta cognitionis, impulsos de pensamento cuja apreciação correta implicaria uma reconsideração de suas experiências originais?

A razão pela qual parto desta questão tem a ver com a necessidade de apontar para a limitação que uma postura hermenêutica *puramente* estrutural e imanente *tende* a gerar quando se trata de pensar questões mais amplas, seja no plano ‘interno’ da discussão entre tendências filosóficas contemporâneas, seja no plano ‘externo’ de análise, quando a teoria é convidada a se pronunciar sobre o estado do mundo. Num caso como no outro, tomar um pensamento *apenas* como uma totalidade fechada *tende* a levar a uma postura de defesa unilateral de posições, sem abertura para o diálogo e o aprendizado com o outro, no caso da discussão filosófica –, e, no caso do comentário do presente, a uma ânsia de aplicação imediata de conceitos ao movimento complexo do real. Em ambos os casos, um exercício de reafirmação das próprias certezas que, no extremo, confina com a paranóia.

Nada mais distante desse prolongamento do princípio da autoconservação na filosofia do que o espírito do pensamento de Adorno. Contudo, receio que, de modo algum imune à dialética do esclarecimento, algo do cenário contemporâneo da filosofia corresponda a esse processo de bloqueio do pensamento pela reiteração do poder organizatório do conceito.

O pensamento de Adorno, em todo caso, deixa seu intérprete em situação difícil. Se ele se limita a reconstituir analiticamente as proposições às quais o seu pensamento pode ser configurado, fica reduzido à limitação do entendimento, sem poder conduzi-lo ao plano da razão, no qual poderia ser confrontado com outros esforços de pensamento. Por outro lado, se ele se põe a usá-lo como “caixa de ferramentas” conceitual, para compreender os objetos da cultura, as tensões da sociedade e as rupturas do presente, facilmente é levado a uma perda da especificidade dos conceitos adornianos, retirados da dialética da experiência que os constituiu, reduzidos ao aspecto da aplicabilidade.

É o próprio Adorno, no entanto, quem deixou pistas de como chegar a um tipo de leitura que evite a simples reconstituição de argumentos, bem como abdique da construção de um esquema teórico abstrato de interpretação de objetos culturais, sociais e filosóficos, aplicável de modo indistinto. Trata-se, para Adorno, de tentar reconstituir a experiência *espiritual* – no sentido amplo de experiência cultural, estética, política,

existencial e filosófica – que está na base de um pensamento e de seus desenvolvimentos, rupturas e contradições.

Temos aqui um ponto de partida para a tarefa que o presente não pode deixar de abraçar: a de um exame crítico de sua filosofia, mais especificamente, de sua filosofia moral. Este exame poderia tomar a seguinte forma: I) quais são as experiências que estão na base do pensamento moral de Adorno, e II) como elas o levaram a organizar o campo da filosofia moral da maneira que ele fez? Além disso, a partir daí, III) quais são os problemas que seu pensamento deixou de legado como questões abertas para o presente, isto é, problemas que, ao invés de nos dotar de ferramentas gerais de interpretação da experiência, nos levam a enxergá-la no que ela tem de especificamente moral, de modos imprevistos e alternativos tanto à tradição filosófica quanto à ideologia vigente?

Abordar essas questões é o modo como pretendo lidar aqui com o problema maior que Adorno nos transmitiu no campo da ética: como articular uma *compreensão dialético-materialista* das questões filosóficas ligadas à experiência moral? Temos aqui um *terminus ad quem*, para empregar uma expressão cara a Adorno, no sentido de que se trata de pensar o movimento *entre experiência moral e filosofia moral*, isto é, de pensar um campo de tensões pelo qual a “coisa mesma”, a objetividade da experiência moral, constitui e é, ao mesmo tempo, constituída pela sua reflexão subjetiva, a filosofia moral. Adorno introduz o elemento material e dinâmico no exame desse processo, indicando os limites e as possibilidades da apreensão teórico-filosófica da esfera da moral.

O que persigo, aqui, é a possibilidade de pensar *com Adorno, no sentido da coisa* que ele pensou, isto é, de assumir a questão: qual é, para nós, que pensamos e agimos neste presente, as configurações não só da discussão filosófica sobre a ética, mas também da experiência humana comum, social e cultural, do âmbito moral? Em que extensão elas abarcam uma consideração dialética do elemento material inscrito na moral?

I) Experiências extremas: o material no espiritual

Quando se pensa nas *experiências* na base do pensamento moral de Adorno, é difícil evitar a lembrança de seus escritos sobre Auschwitz²,

² Cf. também, além dos acima citados, particularmente “Educação após Auschwitz” e “O que significa elaborar o passado”, ambos disponíveis em português na coletânea *Educação e emancipação*. Tradução de Wolfgang Leo Maar.

notadamente os da *Dialética Negativa*³, que desenvolvem uma reflexão metafísica sobre a morte e a relação da materialidade do corpo com o sentido. Outra referência inarredável são os textos de Adorno sobre o deslocamento do exilado em *Minima Moralia*⁴, um deslocamento não só físico e cultural, mas metafísico, dadas as condições que estão na sua origem. Por outro lado, é possível recuperar também a imagem da reconciliação expressa pela pessoa que simplesmente bóia preguiçosamente sobre a água em uma tarde no campo, em *Minima Moralia*⁵, bem como a passagem, no mesmo livro, em que Adorno escreveu: “seria preciso determinar a utopia no cego prazer somático”⁶. A *Dialética Negativa* também dá mostras desse pólo hedônico do pensamento de Adorno, como na passagem que evoca o dito (do *Zarathustra*) de Nietzsche, “todo prazer quer eternidade, mas a dor diz: passa”⁷.

Em outros termos, experiências vitais extremas envolvem o corpo: a tortura e a morte, o prazer sensível e sensual. Adorno chamou essas experiências primárias de experiências *metafísicas*, e elas estão na base de sua concepção de experiência moral. O que há de propriamente *moral* na experiência vital humana é o reconhecimento de que o que nela existe de liberdade de ação se deve ao seu caráter corpóreo, o que implica que a

Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. Tratei da incidência de Auschwitz no pensamento de Adorno em “Depois de Auschwitz: a questão do antissemitismo em Theodor W. Adorno”. São Paulo: Annablume, 2003.

³ Adorno, Theodor W. Negative Dialektik. In: *Gesammelte Schriften*. Volume 6. Frankfurt: Suhrkamp, 1977. Utilizo aqui, salvo indicação em contrário, a tradução brasileira: *Dialética Negativa*. Tradução de Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

⁴ Adorno, Theodor W. *Minima Moralia*: Reflexionen aus dem beschädigten Leben. Frankfurt: Suhrkamp, 1987. Uso neste trabalho a seguinte tradução brasileira: *Minima Moralia*: reflexões a partir da vida danificada. Tradução de Luiz Bicca. São Paulo: Ática, 1992.

⁵ Menciono aqui o centésimo aforismo, “Sur l’eau”: Adorno, Theodor W. *Minima Moralia*: reflexões a partir da vida danificada, p. 138 (Minima Moralia. Reflexionen aus dem beschädigten Leben, *Gesammelte Schriften*, vol. 4, p. 179).

⁶ A citação completa é: “Somente aquele que fosse capaz de determinar a utopia no cego prazer somático, que não possui nenhuma intenção e aplaca qualquer uma, seria capaz de uma ideia inabalável de verdade” (Minima Moralia: reflexões a partir da vida danificada, p. 52). No original: „Nur wer es vermöchte, in der blinden somatischen Lust, die keine Intention hat und die letzte stillt, die Utopie zu bestimmen, wäre einer Idee von Wahrheit fähig, die standhielte“ (Minima Moralia. Reflexionen aus dem beschädigten Leben, *Gesammelte Schriften*, vol. 4, p. 68).

⁷ Na *Dialética Negativa*, Adorno reforça o elemento material do sofrimento: “O momento corporal anuncia que o sofrimento não deve ser, que ele deve mudar. ‘A dor diz: pereça’”. *Dialética Negativa*, p. 173. No original: „Das leibhaftige Moment meldet der Erkenntnis an, daß Leiden nicht sein, daß es anders werden solle. ‚Weh spricht: vergeh‘ (Negative Dialektik. In: *Gesammelte Schriften*. Volume 6, p. 203). Em *Problemas de Filosofia Moral*, no entanto, em contexto semelhante de referência a Nietzsche, Adorno ressalta o elemento material do prazer: “ ‘Pois toda alegria quer eternidade’”. Em outras palavras, Nietzsche indicou o modo crucial de que aquilo que acontece no mundo depende da perenidade – se me é permitido expressá-lo desse modo – e, de modo recíproco, poderíamos acrescentar, também a doutrina das idéias [de Kant] se conecta fortemente com aquilo que experimentamos neste mundo” . No original: “ ‘Doch alle Lust will Ewigkeit’ genau auf dieses Moment hingewiesen hat, wie entscheidend also nun wirklich von Unsterblichkeit – um es einmal so auszudrücken – auch das abhängt, was sich in der Welt hier bewegt, und wie umgekehrt, konnte man hinzufügen, auch die Lehre von diesen Ideen verklammert ist mit dem, was wir hier erfahren“ . *Probleme der Moralphilosophie*, p. 95.

experiência moral é a do reconhecimento da fragilidade do corpo e de sua ligação com os outros, fonte de prazer e de dor. Em outras palavras, e usando a terminologia da *Dialética Negativa*, a experiência moral é a que desdobra os significados da liberdade a partir do “somatismo imanente”⁸ do espírito.

Ocorre que essas experiências vitais, metafísicas, morais, são eminentemente experiências *estéticas*, isto é, envolvem um processo de diferenciação mimética da racionalidade, a partir de modos de relação significativa com o corpo próprio e o corpo dos outros. Como lidar, então, com a diferença entre o estético e o moral? É certo que Adorno não ignora a determinação autônoma de cada uma das esferas. Contudo, é certo, também que ele aponta para seu imbricamento fundamental, sua origem comum na descoberta do somatismo imanente do espírito.

Cito uma passagem decisiva de Adorno, a evocação de uma experiência infantil simultaneamente metafísica, estética e moral:

Pertencem, assim, ao materialismo, de modo essencial, as experiências do cadáver, da putrefação e do que é semelhante ao animal (*Tierähnlichen*). Eu penso numa experiência de minha própria infância, ao ver passar a carroça do matadouro (*Abdeckerwagen*), na qual jaziam uma quantidade de cães mortos, e pôr-me a perguntar imediatamente: “o que é isso?”, “o que verdadeiramente sabemos?”, “nós somos também a mesma coisa?” É esse tipo de experiências – que não aparecem em nenhuma analítica existencial da morte – que o materialismo quer propriamente recordar... O materialismo seria a filosofia que interioriza a consciência íntegra, não sublimada, da morte⁹.

⁸ Essa noção é central na perspectiva materialista da *Dialética Negativa*. A tradução brasileira registra: “o antagonismo que a filosofia reveste com as palavras ‘sujeito’ e ‘objeto’ não pode ser interpretado como um estado de coisas originário. Senão, o espírito se tornaria o simplesmente outro em relação ao corpo, em contradição com aquilo que nele mesmo se mostra como imanentemente somático” (*Dialética Negativa*, p. 166). O contraste com o original permite discernir uma ênfase do elemento do somatismo imanente do espírito: “...der Antagonismus, den Philosophie in die Worte Subjekt und Objekt kleidete, nicht als Ursachverhalt zu deuten sei. Sonst würde der Geist zum schlechthin Anderen des Körpers gemacht, im Widerspruch zu seinem immanent Somatischen (Negative Dialektik. *Gesammelte Schriften*, vol. 6, p. 194).

⁹ ADORNO, Theodor W. *Philosophische Terminologie*: zur Einleitung. Volume 2. Editado por Rudolph zur Lippe. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1989, p. 181s. A citação no original é a seguinte: „Also zum Materialismus gehören wesentlich dazu Erfahrungen von der Leiche, von der Verwesung, von dem Tierähnlichen. Ich denke an eine Erfahrung der eigenen Kindheit, einen Abdeckerwagen vorbeifahren zu sehen, auf dem eine Anzahl von toten Hunden liegt, und sich dann plötzlich fragen: Was ist das? Was wissen wir eigentlich? Sind wir das auch selber? Diese Art Erfahrung – und die kommt in keiner existentialen Analytik des Todes vor – ist eigentlich das, woran der Materialismus einen erinnern will“. O mesmo contexto de experiência da criança diante dos corpos dos animais mortos é retomado na *Dialética Negativa*: “A infância presente algo disso [a relação tortuosa da metafísica com a esfera material] na fascinação que emana da zona do esfolador, do cadáver, do odor nauseante e doce de putrefação, das expressões suspeitas que designam essa zona” (p. 303). “Kindheit ahnt etwas davon in der Faszination, die von der Zone der Abdecker, dem Aas, dem widerlich süßen Geruch der Verwesung, den anrühigen Ausdrücken für jene Zone ausgeht“ (p. 358).

Essa passagem é decisiva porque permite apreender o imbricamento fundamental, em Adorno, do material e do espiritual, do estético e do moral. O elemento que é capaz de unificá-los é a *mímesis*, a captação de semelhanças. Essa semelhança animal do humano¹⁰ introduz na consciência de si o reconhecimento de sua dependência da matéria e de sua fragilidade inarredável. A relação entre os domínios do inorgânico, do orgânico e do espiritual é apreendida como identidade na diferença, como negação determinada, não como negação abstrata. “Nós somos também a mesma coisa?” é a pergunta que registra o espanto dessa descoberta – um achado mimético e racional.

Essa apreensão mimética do somatismo imanente do espírito por meio da morte dos animais se manifesta de diferentes maneiras nos âmbitos do estético e do moral. Em ambos os casos, trata-se do reconhecimento da *afinidade*¹¹ de razão e natureza, da imersão do humano e seus sentidos (como sensibilidade, *Sinnlichkeit*; e como significatividade, *Sinnhaftigkeit*) na natureza.

No âmbito do *estético*, essa afinidade reconhecida se manifesta e desenvolve como esforço mimético do sujeito no sentido de reconstituir a legalidade interna, o processo de constituição imanente dos objetos estéticos, isto é, de responder com significado ao “o que é isso?” da experiência metafísica não com um (pretense) significado (que fosse) anterior à constituição sensível dos objetos, mas com um significado que se desdobra na ligação estruturante entre os elementos sensíveis, e que dá acesso a certo conteúdo objetivo (e particularizado) da experiência. Essa é a visada da *Teoria Estética*¹².

No âmbito do *moral*, essa afinidade de razão e natureza é elaborada no sentido da atividade mimética do sujeito em prol de uma apreensão material, sensível e contextual do sentido da situação em que ações tem consequências sobre outros sujeitos, individualmente considerados. O sujeito moral tenta apreender o significado da sua interação com outros sujeitos, situados em um fundo comum de mortalidade, vulnerabilidade e

¹⁰ Cf. meu artigo sobre o motivo da semelhança animal do humano: Alves Júnior, Douglas Garcia. À semelhança do animal: mímesis e alteridade em Adorno. *Remate de Males*, Campinas, n. 30, vol. 1, Jan/Jun 2010.

¹¹ O conceito de afinidade (*Affinität*) desempenha um papel central na *Dialética Negativa*. Cf. especialmente *Dialética Negativa*, pp. 46, 130, 222, 226 (Negative Dialektik. *Gesammelte Schriften*, vol. 6, pp. 55, 152, 262).

¹² Sobre a questão do significado na *Teoria Estética* como distinto da “mensagem” e ligado ao nexo construtivo entre os momentos da obra de arte, cf. especialmente *Ästhetische Theorie*. In: *Gesammelte Schriften*, Volume 7. Frankfurt: Suhrkamp, 1972, pp. 205-209; 226-235.

comunicabilidade. Responder com sentido ao “nós somos também a mesma coisa?” é reconhecer a identidade (e diferença particularizante) dos outros com base em nosso pertencimento comum à natureza e à linguagem. Essa é a visada de *Minima Moralia*¹³, da parte consagrada à ética da *Dialética Negativa*¹⁴ e do curso *Problemas de Filosofia Moral*¹⁵.

É a partir desse aspecto mimético, sensível e imanente da experiência da moral que é preciso considerar o modo como Adorno pensou o âmbito da filosofia moral e suas questões.

II) Configurações teóricas da moral: limites e possibilidades

Nesse quadro maior da esfera moral, articulado pelas experiências que estão na base do pensamento de Adorno, o que conta *não é* o cálculo da soma de prazeres ou de bens – tipo de intelecção das teorias morais consequencialistas, cujo representante mais destacado é o utilitarismo – *nem* o caráter incondicional, universal e formal do dever-ser de certas ações – de acordo com a intelecção kantiana da racionalidade moral, representante mais destacado das teorias morais deontológicas. Segundo Adorno, nessas duas vertentes majoritárias de abordagem filosófica da moral, o significado moral da experiência é drasticamente abstraído de alguns de seus mais importantes elementos: com o utilitarismo perde-se o registro individualizado da experiência, constituído a partir de um núcleo de significações existenciais irreduzíveis; com a filosofia kantiana, perde-se o caráter sensível, enraizado na natureza, da corporeidade, que condiciona a possibilidade de sentidos para as experiências de interação com os outros.

Adorno deu um lugar muito maior a Kant do que a qualquer outro autor nas suas reflexões sobre a moral. Ele chegou a dizer que Kant

¹³ Cf. meu artigo: Em que sentido podemos pretender uma ‘vida boa’? Reflexões a partir de ‘Minima Moralia’. *Princípios*, Natal, vol. 19, n. 32, Jul/Dez 2012. Sobre afinidade de razão e natureza, subjetividade e mimesis nesta obra específica, cf. *Minima Moralia: reflexões a partir da vida danificada*. (Minima Moralia. Reflexionen aus dem beschädigten Leben, *Gesammelte Schriften*, vol. 4).

¹⁴ A porção de *Dialética Negativa* consagrada à moral é, acima de tudo, a terceira parte do livro, o primeiro dos “Modelos”, “Liberdade”. Além disso, o terceiro dos “Modelos”, chamado “Meditações sobre a metafísica” contém passagens cruciais sobre o pensamento moral de Adorno. O mesmo se dá com a segunda parte da obra, “Dialética negativa: conceito e categorias”, que contém parágrafos muito importantes sobre a questão moral, notadamente seus parágrafos finais, que contém considerações sobre o materialismo e o conceito de espírito.

¹⁵ *Probleme der Moralphilosophie* é o título dado a um curso ministrado por Adorno em Frankfurt em 1963. Editado por Thomas Schröder e publicado pela primeira vez em 1997 na coleção da Suhrkamp dedicada aos escritos de seu espólio, apresenta um material bastante rico, que pode ser considerado, ao lado da *Dialética Negativa*, como a principal fonte para o pensamento moral de Adorno.

representa a filosofia moral *par excellence*¹⁶. É preciso indicar, entretanto, que teria sido consequente com o vetor crítico de sua filosofia moral um confronto com o utilitarismo e com as morais consequencialistas, nos termos de uma crítica mais ampla ao principialismo moral. Adorno, contudo, não deixou um exame detido dessa abordagem teórica da ética. É forçoso concluir que ele organiza o campo da filosofia moral principalmente a partir de Kant. Há razões para isso, e o que segue é uma breve indicação de *porque* ele o fez e *em que sentido* ele o fez.

As extensas considerações de Adorno sobre Kant na *Dialética Negativa* cobrem uma reflexão sobre sua filosofia moral, no intuito de uma “metacrítica da razão prática”. Outras abordagens sobre o mesmo tema podem ser encontradas nos cursos de Adorno, particularmente em *Problemas de Filosofia Moral*¹⁷, de 1963. É um material denso e variado, cuja reconstituição extrapola o escopo deste artigo. O que me interessa é mostrar que a maneira como Adorno dialoga com Kant o conduz a refletir detidamente sobre o que caracteriza a complexidade da esfera da moral e, nesse diálogo, ele é levado a discernir os limites e as possibilidades da *filosofia moral em geral*, e assim acaba por assumir e herdar os seus problemas.

Em uma formulação condensada: o problema que Adorno vê na filosofia moral de Kant é que, segundo ele, Kant teria proposto um conceito de liberdade a partir puramente do inteligível, com exclusão de todo elemento empírico, especialmente do somático¹⁸. A partir daí, Adorno enxerga um elemento apologético (isto é, ideológico) em Kant, referido à posição abstrata da razão como dominação da natureza, indiferente ao conteúdo empírico da dominação social real¹⁹. Adorno, contudo, também vê um profundo momento de verdade em Kant, contido, segundo ele, na consciência implícita de um hiato, de uma não-identidade entre razão e ação moral – compreensão que estaria registrada em reconhecimento da *contingência* empírica na realização de ações movidas pelo dever, em que pese a necessidade inteligível da lei moral²⁰.

¹⁶ Adorno, *Probleme der Moralphilosophie*, p. 158.

¹⁷ Adorno, Theodor W. *Probleme der Moralphilosophie*. In: Thomas Schröder (ed.). *Nachgelassene Schriften*. Seção IV, Volume 10. Frankfurt: Suhrkamp, 1997.

¹⁸ Adorno, *Probleme der Moralphilosophie*, pp. 105-107; pp. 119s.

¹⁹ Adorno, *Probleme der Moralphilosophie*, pp. 155s, pp. 173s.

²⁰ Adorno, *Probleme der Moralphilosophie*, pp. 144s; pp. 166-170.

A pergunta que se impõe é: por que Adorno escolheu Kant como seu interlocutor privilegiado em filosofia moral? Há muitas vias de resposta possíveis a essa pergunta, mas todas elas levam a considerar o fato de que em Kant há uma dissolução da ontologia do Bem, aspecto que Adorno vê como positivo, e, não menos importante, há em Kant uma relação entre o empírico e o transcendental que não é a da simples subsunção do material (*a posteriori*) da sensibilidade (das inclinações “patológicas”) à forma *a priori* (da lei moral) da razão prática. Há um horizonte de indeterminação, poder-se-ia dizer, na filosofia moral de Kant, na medida em que permanece sempre contingente a escolha do “rumo” das ações dos agentes morais individuais²¹ – o mal radical²² é a expressão consumada disso. De todo modo, *não* há uma *cisão* completa entre o transcendental e o empírico – um indício disso é o fato de Kant reconhecer o dever do agente moral de buscar a sua própria felicidade²³, na *Fundamentação* – mas uma *tensão* entre aquilo a que o agente moral é obrigado racionalmente a assentir (a lei moral pura) e o conjunto empírico das motivações com que o agente pode contar (sua tendência geral subjetiva de determinação do arbítrio)²⁴.

Há mais duas razões para Adorno ter privilegiado o recurso a Kant em sua discussão da filosofia moral. Ambas remetem a uma relação de não-identidade entre *normatividade* transcendental (racional, pura) e *motivação* moral empírica (individual e sensível). Segundo Adorno, essas razões teriam mostrado que a filosofia moral kantiana, na verdade, está, em seu espírito mais profundo, tensionada em direção à dialética.

A primeira das razões da primazia da teoria moral kantiana na discussão de Adorno diz respeito à arquitetônica da razão pura: o fato de que o conteúdo sensível da motivação moral, expelido da normatividade prática, retorna, em certo sentido, na ideia do fim último da razão, na ideia

²¹ Adorno, *Probleme der Moralphilosophie*, p. 167, 169.

²² Adorno, *Probleme der Moralphilosophie*, p. 139. Sobre o mal radical em Kant, cf. *A religião nos limites da simples razão*. Primeira Parte, Seção 3, ‘O homem é mau por natureza’, que aqui é citada: “podemos chamar a esta propensão uma inclinação natural para o mal, e visto que ela deve ser, no entanto, sempre autculpada, podemos denominá-la, ela própria um *mal radical* inato na natureza humana” (p. 38). Com efeito, o mal radical designa a distância irredutível entre a necessidade objetiva da lei moral e a contingência subjetiva do arbítrio humano, capaz de inverter a prioridade do móvel do respeito à lei moral em prol da acolhida de máximas que favoreçam o interesse das inclinações.

²³ Em *Probleme der Moralphilosophie*, p. 223. Cf. Kant, *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, BA 11, 12, 67.

²⁴ Sobre o respeito (*Achtung*) em Kant, cf. *Crítica da razão prática*, A 130, 134, 139. Para a crítica de Adorno ao conceito kantiano de respeito, cf. *Probleme der Moralphilosophie*, pp. 195s.

de humanidade²⁵. Para Adorno, isto teria mostrado que Kant reconhece a contraditoriedade objetiva da esfera da moral: ela é constituída por uma normatividade puramente racional, que se destaca da natureza; contudo, não há sentido (moral) que não seja, de algum modo, referido à natureza, como condição e como finalidade²⁶.

A segunda das razões do recurso privilegiado a Kant remete à teoria da motivação da razão prática, ao conceito kantiano de respeito (*Achtung*) como sentimento moral *sui generis*, na medida em que é originado não das inclinações da sensibilidade, mas do efeito no sujeito da representação inteligível da lei moral²⁷. O respeito é o motivo (*Triebfeder*) moral das ações, o único genuinamente moral, por conter tão somente a forma de universalização das máximas do agir, à exclusão de todo elemento empírico, seja o advindo das inclinações do sujeito – isto é dos sentimentos, com todo seu caráter contingente e particularista – seja aquele relacionado à consecução de finalidades pragmáticas (a adequação de meios técnicos a fins)²⁸. Segundo Adorno, esse conceito paradoxal de um sentimento moral *racional* na base da moral teria mostrado que se Kant, por um lado, abstrai da moral toda consideração de conteúdos materiais, somáticos e contextuais, por outro, também teria revelado que é impossível deixar de considerar o elemento material na esfera da moral²⁹ – uma admissão involuntária daquilo que a filosofia moral de Kant teria desejado excluir, a imanência da motivação, em seus efeitos discerníveis no mundo empírico das ações.

A passagem pelo pensamento moral de Kant é a mediação que permite a Adorno pensar uma *figura utópica da moralidade*, que já teria sido anunciada pelo filósofo de Königsberg:

Esse inferno, como temos de reconhecer nossa vida na terra, não pode ser tudo; há na natureza dos seres humanos algo como uma promessa de que isso não é tudo e de que tem de haver algo diferente... Uma filosofia como a de Kant, gostaria de dizê-lo, não repete simplesmente o que acontece na realidade social, mas tem a tendência de exercer a crítica da sociedade

²⁵ Adorno, *Probleme der Moralphilosophie*, pp 208s.

²⁶ *Probleme der Moralphilosophie*, pp, 152s, 189s.

²⁷ Cf. Kant, *Crítica da razão prática*, A 134,135..

²⁸ Sobre a exclusão das inclinações sensíveis no sentimento moral-racional de respeito, cf. *Crítica da Razão Prática*, A 128, 143. Sobre os imperativos (hipotéticos) de felicidade (“prudência”) e adequação pragmática de meios a fins (“destreza”), cf. a *Fundamentação da metafísica dos costumes*, BA 41, 43, 47.

²⁹ Adorno, *Probleme der Moralphilosophie*, pp. 196s.

existente e de contrapor a ela uma outra figura (*Bild*) do possível, ou uma figura sem imagem (*ein bilderloses Bild*) do possível (ADORNO, 1997, p. 224).

Dito de outro modo: o universalismo moral de Kant teria sido mais fiel à causa da utopia³⁰, do ser humano vivo, dotado de corpo e sensibilidade, do que outras morais mais próximas da consideração do particular, como, por exemplo, as teorias morais que se baseiam na configuração empírica dos costumes ou em abordagens psicologistas do agir baseada na ideia de caráter moral.

III) Um elemento Adorno na filosofia moral?

Se há um “elemento Adorno” que tornaria sua filosofia moral relevante para as discussões contemporâneas, ele teria de ser recuperado em sua dialética material da moralidade, que procura elaborar conceitualmente o imbricamento de elementos sensíveis e racionais na moral. Em outras palavras, teria que ser recuperada sua fenomenologia, por assim dizer, da experiência moral, bem como em seu argumento que justifica porque essa experiência não pode ser compreendida completamente em termos de uma moral invariante de princípios normativos abstratos.

Começemos com o conhecido “princípio Adorno”, enunciado na *Dialética Negativa*, não na parte dedicada ao exame da filosofia moral de Kant, mas nas “Meditações sobre a metafísica”: “Em seu estado de não-liberdade, Hitler impôs aos homens um novo imperativo categórico: instaurai o vosso pensamento e vossa ação de tal modo que Auschwitz não se repita, que nada desse gênero aconteça”³¹ (ADORNO, 2009, p. 302). Adorno está consciente, antes de tudo, que esse princípio moral é uma exigência excessiva, pois os homens já estão condicionados em “seu estado de não-liberdade”; além disso, ele sabe que esse princípio moral *não pode ser* um imperativo categórico, como ele escreveu, isto por duas razões: primeiramente, porque ele é *condicionado* por uma experiência histórica concreta: a realidade dos campos de extermínios construídos pelos nazistas no século XX, que o nome Auschwitz indica; em segundo lugar,

³⁰ Adorno, *Probleme der Moralphilosophie*, pp. 209s, 214, 226.

³¹ No original: „Hitler hat den Menschen im Stande ihrer Unfreiheit einen neuen kategorischen Imperativ aufgezwungen: ihr Denken und Handeln so einzurichten, daß Auschwitz nicht sich wiederhole, nichts Ähnliches geschehe“ (*Negative Dialektik*, p.358).

porque ele é condicionado pela (fragilizada) capacidade humana de resistência do agente em “seu estado de não-liberdade”.

Adorno instala conscientemente seu princípio moral na aporia, é isso. A princípio, apenas sujeitos livres são predicáveis moralmente. A isso Adorno contesta com a situação social geral de não-liberdade. A princípio, apenas são admissíveis moralmente princípios destacados de contextos empíricos. A isso Adorno contesta com a situação histórica de Auschwitz, uma realidade passada, mas ainda efetiva, ainda produtora de efeitos no mundo humano. Isso não é tudo, pois Adorno insiste na aporia: seu princípio moral, ele admite, não pode ser fundamentado discursivamente, isto é, não pode ser estabelecido como um “fato da razão”, à maneira de Kant. Ao invés, seu princípio moral tem a realidade de uma experiência corporal, próxima àquela da criança diante do caminhão de carcaças de animais. Posta em relação às correntes dominantes da tradição da filosofia moral, essa posição é particularmente chocante. Nas palavras de Adorno:

É possível sentir nele [o “novo imperativo categórico”] corporalmente o momento de seu surgimento junto à moralidade. Corporalmente porque ele é o horror que surgiu praticamente ante a dor física insuportável à qual os indivíduos são expostos mesmo depois que a individualidade, enquanto forma de reflexão espiritual, se prepara para desaparecer. A moral só sobrevive em um motivo materialista sem disfarces (ADORNO, 2009, 303).

Ainda assim, nesse condicionamento, é atribuído aos homens o poder de instaurar “ação e pensamento”, na formulação do princípio moral de Adorno. Como isso é possível? Será que Adorno pretendia fundar a moral no sentimento corpóreo do horror diante da dor física?

Adorno “cria ainda mais problemas” (no sentido filosófico de lidar com aporias) para si mesmo ao evocar esse sentimento como uma espécie de base da moralidade. Dessa vez, na sessão da *Dialética Negativa* reservada à crítica da moral kantiana, “Liberdade”, Adorno recupera criticamente uma figura da moral kantiana, a da espontaneidade³² da vontade, invertendo-a: aquilo que tem o poder de iniciar livremente um curso de ação, não é a

³² O conceito de espontaneidade em Kant refere-se à causalidade da vontade, que não é condicionada sensivelmente, isto é, ela tem a propriedade de livremente iniciar representações a partir de si mesma. Sobre o conceito de “espontaneidade” (*Spontaneität*) em Kant, cf. a “prova” da “tese” do “Terceiro conflito das ideias transcendentais da razão pura”: “Tem que ser admitida uma *espontaneidade absoluta* das causas, que dê início de si a uma série de fenômenos precedentes segundo leis da natureza, por conseguinte uma liberdade transcendental” (*Crítica da razão pura*, B 474). Sobre a crítica adorniana do conceito de espontaneidade de Kant, e sua inflexão em sentido materialista, cf. especialmente *Dialética Negativa*, p. 187, 194, 209 (*Negative Dialektik*, pp. 221, 228s, 247).

vontade como razão pura prática, mas o “impulso” (*Impuls*), sentimento “patológico” (diverso do respeito, sentimento racional, em Kant) – talvez algo ainda mais primário do que um sentimento. Esse impulso é aquilo que é acrescentado corporalmente na gênese da moral – e aqui gostaria de propor uma tradução alternativa de parte do texto da seção “Meditações sobre a Metafísica” acima citado. Volto ao trecho, na tradução de Marco Antonio Casanova: “É possível sentir nele [o “novo imperativo categórico”] corporalmente o momento de seu surgimento junto à moralidade”. No original: “an ihm läßt lebhaft das Moment des Hinzutretenden am Sittlichen sich fühlen“. Minha tradução é: “nele [no ‘novo imperativo categórico’) faz-se sentir corporalmente na moral o momento do acrescentado”. Adorno remete a algo novo e misterioso aqui, ao “acrescentado”, que é sentido ao mesmo tempo em que a moral tem sua gênese.

O problema, aqui, se delinea da seguinte maneira: se esse sentimento acrescentado é o elemento primário da moral, seria ele o seu *fundamento*? Nesse caso, não teria Adorno incorrido no gesto que critica de modo recorrente quando se debruça sobre outras filosofias, o de estabelecer de modo imediato, sem dialética, algo originário como fundamento? Isso é, será que aqui não se voltaria contra Adorno a suspeita de estabelecimento mítico de realidades imediatas? Será que a sombra do mito ameaça se estender quando Adorno afirma que o impulso marca o limite da razão na esfera da moral? Como se supõe que devamos entender isso?

Consideremos a seguinte passagem de Adorno:

O elemento suplementar (*Hinzutretende*) é impulso, resto de uma fase na qual o dualismo entre extra e intramental ainda não se tinha consolidado inteiramente; ele não pode nem ser conscientemente descartado, nem se mostrar como um elemento ontologicamente derradeiro... o impulso, ao mesmo tempo intramental e somático, impele para além da esfera da consciência, uma esfera à qual, porém, ele pertence. Com o impulso, a liberdade penetra na experiência³³ (ADORNO, 2009, p. 193).

Esse impulso parece algo até mesmo anterior ao sentimento, uma modalidade categorial básica da receptividade subjetiva

³³No original: „Das Hinzutretende ist Impuls, Rudiment einer Phase, in der der Dualismus des Extra- und Intramentalen noch nicht durchaus verfestigt war, weder willentlich zu überbrücken noch ein ontologisch Letztes... Der Impuls, intramental und somatisch in eins, treibt über die Bewußtseinsphäre hinaus, der er doch auch angehört. Mit ihm reicht Freiheit in die Erfahrung hinein“ (*Negative Dialektik*, p. 227s).

autodelimitadora³⁴. É assim que o “princípio Adorno” de “que Auschwitz não se repita” encontra a sua vulnerabilidade e a sua força. Sua fragilidade porque ele não pode contar com a segurança de uma figura transcendental da razão. Sua força porque ele pode contar com a aversão, o horror humano (*Abscheu*) diante dos poderes que ameaçam destruí-lo. Não há, assim, “fundamento normativo”, mas uma *condição* material, corpórea e histórico-social, da ação moral: a natureza não é apenas externa (objeto da dominação), mas também interna (sujeito-objeto) da dominação. Desse modo, a liberdade é restringida “por dentro”, como fica claro nos escritos psicossociais de Adorno sobre o autoritarismo e o preconceito³⁵.

O elemento Adorno se revela no impulso acrescentado como materialidade irreduzível que permanece e motiva cada gesto genuinamente moral³⁶. Um balanço do “elemento Adorno” para a atualidade requer a consideração desse impulso. Quem quer medir a atualidade tem de começar com aquilo que nela é problemático. No nível da teoria filosófica *atual*, tudo parece indicar que é problemática a abstração do conflito social presente nas teorias éticas contemporâneas mais influentes. No nível do clima cultural *atual*, por assim dizer, que se manifesta em discursos, práticas e instituições, um problema grave aparece na concepção produtivista de autonomia, que reduz a liberdade à capacidade de ação eficaz (nos termos de Kant, ao pragmático). Os dois

³⁴ Uma perspectiva que pode ser posta em comparação com essa, no sentido de uma receptividade primária como condição de emergência do sujeito pode ser encontrada em Levinas: “Mas, neste próprio ‘conteúdo’, ele [sofrimento] é um apesar-da-consciência, o inassumível... um ‘excesso’, um ‘demais’ que se inscreve num conteúdo sensorial, penetra como sofrimento nas dimensões do sentido que aí parecem abrir-se ou enxertar-se. Como se ao ‘eu penso’ kantiano, capaz de reunir em ordem e convergir em sentido, sob suas formas a priori, os dados mais heterogêneos e disparatados, o sofrimento não fosse somente um *dado* refratário à síntese, mas a *maneira* pela qual a recusa, oposta à reunião de dados em conjunto significativo, se lhe opõe; a dor é, ao mesmo tempo, o que desordena a ordem e o próprio desordenamento... Uma modalidade. Ambigüidade categorial de tempo e de modalidade. Negação e recusa de sentido, impondo-se como qualidade sensível” (*O sofrimento inútil*, pp. 128s).

³⁵ Cf. a esse respeito a nota 1, bem como os textos seminais de Adorno “Antisemitismo e propaganda fascista”, “Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista” e “Tabus sexuais e direito hoje”, reunidos em português na coletânea *Ensaio sobre psicologia social e psicanálise*. Tradução de Verlaine Freitas. São Paulo: Ed. UNESP, 2015.

³⁶ Cf. a seguinte passagem de Adorno: “O impulso, o temor físico nu e cru e o sentimento de solidariedade com os corpos torturáveis, para usar uma expressão de Brecht, o impulso que é imanente ao comportamento moral seria negado por meio da aspiração à racionalização intransigente. A diferença entre teoria e prática envolve teoricamente o fato de não se poder nem identificar puramente a prática com a teoria, nem colocá-la *khoris* em relação a ela. As duas não podem ser coladas uma à outra em uma síntese. Aquilo que não é separado só existe nos extremos, na emoção espontânea que, impaciente com o argumento, não quer tolerar que o horror se perpetue, e, em uma consciência teórica que não se deixa aterrorizar por nenhum comando e que percebe a razão pela qual, apesar de tudo, o horror se perpetua a perder de vista. Em face da impotência real de todos os indivíduos, essa contradição é o único palco da moral hoje. A consciência reagirá espontaneamente na medida em que reconhece o mal sem se satisfazer com esse conhecimento” (Adorno, *Dialética Negativa*, p. 238. No original: *Negative Dialektik*, p. 281s).

planos afetam-se mutuamente, sendo que o segundo afeta bem mais o primeiro do que o inverso. É assim que se veem hoje defesas filosóficas da aplicação da lógica (capitalista) da criação animal à reprodução humana, sob o nome de *human enhancement*, “melhoramento humano”³⁷.

Concepções muito diferentes a respeito do que significa “que Auschwitz não se repita, que nada desse gênero aconteça” tornaram-se hoje possíveis. O que fazer? O elemento Adorno, com sua atenção à dignidade do corpóreo, do individual e do sensível, apresenta uma advertência e um problema àqueles que querem depressa demais apresentar a chave de resolução das questões morais. O princípio-Adorno vale ainda como “pedra no sapato” das consciências tranquilas.

Com isso, retomo as interrogações postas no início deste trabalho: qual é o legado de Adorno, quais são as questões que ele nos deixa? Muito sucintamente, diria que, no campo filosófico, trata-se de pensar a *mediação* do sentir, do julgar e do agir, isto é, de pensar um tipo de “sensibilidade ética”, em diálogo crítico com a tradição de Hume e Adam Smith e suas representantes contemporâneas de uma “ética do cuidado”, levando em conta, no entanto, a dialética negativa e histórica entre seus elementos. Na esfera mais ampliada do debate social e cultural, Adorno mostra que a tarefa da filosofia moral é a de investigar o “contexto geral de ofuscamento”, apontando os bloqueios e as potencialidades de superação da abrangente dominação da natureza interna, em campos renovados de arte, de linguagem e de sociabilidade. Esse duplo legado-tarefa da moral de Adorno aponta, em suma, para o pensamento de uma *razão mimética* inscrita na moral.

Referências

- ADORNO, Theodor W. Probleme der Moralphilosophie. In: Thomas Schröder (ed.). *Nachgelassene Schriften*. Seção IV, Volume 10. Frankfurt: Suhrkamp, 1997.
- . Negative Dialektik. In: *Gesammelte Schriften*. Volume 6. Frankfurt: Suhrkamp, 1977.
- . *Dialética Negativa*. Tradução de Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- . *Philosophische Terminologie: zur Einleitung*. Volume 2. Frankfurt: Suhrkamp, 1989.

³⁷ Tratei mais extensamente desse assunto em um artigo ainda não publicado: “A humanidade na era da sua reproduzibilidade técnica”. Trabalho apresentado no X Congresso Internacional de Teoria Crítica, UFScar, São Carlos, em Outubro de 2016.

- . *Mínima Moralía*: reflexões a partir da vida danificada. Tradução de Luiz Bicca. São Paulo: Ática, 1992.
- . *Mínima Moralía*: Reflexionen aus dem beschädigten Leben. Frankfurt: Suhrkamp, 1987.
- . Ästhetische Theorie. In: *Gesammelte Schriften*, Volume 7. Frankfurt: Suhrkamp, 1972.
- . Educação após Auschwitz. In: *Educação e emancipação*. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- . *Ensaio sobre psicologia social e psicanálise*. Tradução de Verlaíne Freitas. São Paulo: Ed. UNESP, 2015.
- ALVES JÚNIOR, Douglas Garcia. *Depois de Auschwitz*: a questão do antissemitismo em Theodor W. Adorno. São Paulo: Annablume, 2003.
- . À semelhança do animal: mimesis e alteridade em Adorno. *Remate de Males*, Campinas, n. 30, vol. 1, Jan/Jun 2010.
- . Em que sentido podemos pretender uma ‘vida boa’? Reflexões a partir de ‘Mínima Moralía’. *Princípios*, Natal, vol. 19, n. 32, Jul/Dez 2012.
- . A humanidade na era de sua reprodutibilidade técnica: repensando Heidegger e Adorno. Trabalho apresentado no X Congresso Internacional de Teoria Crítica, UFSCar, São Carlos, em Outubro de 2016.
- KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. Tradução de Valério Rohden e Udo Baldur Moosburger. São Paulo: Nova Cultural, 1987 (Coleção Os pensadores).
- . *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Tradução de Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, 1995.
- . *Crítica da razão prática*. Tradução de Valério Rohden. São Paulo: Martins Fontes, 2016.
- . *A religião nos limites da simples razão*. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1992.
- LÉVINAS, Emmanuel. O sofrimento inútil. In: LÉVINAS, Emmanuel. *Entre nós*: ensaios sobre a alteridade. Tradução de Pergentino Stefano Pivatto et al. Petrópolis: Vozes, 1997.

Endereço Postal:

Universidade Federal de Ouro Preto

R. Diogo de Vasconcelos, 122, Ouro Preto – MG, Brasil

Data de recebimento: 25/05/2018

Data de aceite: 17/09/2018